

Uma edição *ética* dos *Sonetos de Camões*

Mauricio Matos *

Araraquara, novembro de 1964. No viver singular de Jorge de Sena – um poeta português que, exílio por exílio, morreu brasileiro na América do Norte – o estudo de tudo quanto dissesse respeito à poesia de Camões ocupou o maior espaço dentro de sua obra: literária e crítica. Inaugurando o que hoje se pode chamar de tradição metodológica para apuração do cânone da poesia lírica de Camões, a tese *Os Sonetos de Camões e o Soneto Quinhentista Peninsular* – cuja intenção original era a de buscar alguma orientação para proceder na organização de uma edição da obra lírica de Camões, tarefa para a qual havia sido convidado anos antes – permitiu ao engenheiro Jorge de Sena obter os títulos de Doutor em Letras e de Livre Docente em Literatura Portuguesa.

Todavia, o criterioso estudo apenas foi publicado em Lisboa cinco anos após a sobredita defesa, em 1969 portanto, com os extensos título e subtítulo, que aqui se transcrevem: *Os sonetos de Camões e o soneto quinhentista peninsular – as questões de autoria, nas edições da obra lírica até às de Álvares da Cunha e de Faria e Sousa, revistas à luz de um inquérito estrutural à forma externa e da evolução do soneto quinhentista Ibérico, com Apêndices sobre as Redondilhas em 1595-98, e Sobre as Emendas Introduzidas pela Edição de 1598*. Este “inquérito estrutural” é o que realmente importa ao presente trabalho.

Segundo Cleonice Berardinelli:

* Doutor em Literatura Portuguesa pela PUC-Rio, onde é Pesquisador da *Cátedra Pe. António Vieira*. Professor Substituto na UFRJ em 2004 e 2005.

Da forma externa dos sonetos, o elemento que [Jorge de Sena] destaca é o esquema rímico dos tercetos, chegando à verificação de que os esquemas mais utilizados em *Rb*, *Ri*, *DF2* e 1663 [*AC*] são: cde cde; cdc dcd; cde dce; cdc cdc, nas percentagens de: 53%, 28%, 13% e 6%.²

Desta forma, pretendia Jorge de Sena apreender o(s) esquema(s) rímico(s) mais freqüentemente encontrado(s) nos tercetos dos sonetos de Camões – já que os quartetos quase não variam, mesmo de um para outro autor quinhentista peninsular: *abba abba* –, para, a partir deste(s), chegar a critérios hipotéticos no sentido de assegurar o que seria mais ou menos provavelmente camoniano. Todavia, mesmo declarando “o maior respeito por este admirável pesquisador que foi Jorge de Sena, cuja inteligência e cultura serão dificilmente igualadas”³, nem sempre Cleonice Berardinelli concordará com suas decisões. Nas páginas seguintes de sua obra, a insigne camonista adverte para uma série de equívocos cometidos por Jorge de Sena, que comprometem, não a erudição empreendida na tese, mas a eficácia do método proposto. Tais equívocos repousam, sobretudo, na própria matéria do estudo, ou seja, a autoria dos sonetos utilizados como base para a hipótese apresentada, secularmente escorregadia.

Rio de Janeiro, 1968. A morte prematura do pesquisador camonista Emmanuel Pereira Filho, com pouco mais de quarenta anos, interrompeu seus trabalhos ecdóticos sobre a lírica de Camões. À sua proposta, publicada apenas em 1974 – através do criterioso trabalho de edição e organização dos originais realizado por Edwaldo Cafezeiro e Ronaldo Menegaz⁴ –, não tiveram acesso Jorge de Sena, Elizabeth Naïque-Dessai e Roger Bismut, que materializaram suas teses entre 1964 e 1970.

Para Emmanuel Pereira Filho, o que importava, num primeiro momento, era o estabelecimento de um “Índice Básico de Autoria”, para, a partir deste, realizadas novas pesquisas, chegar, aí sim, a um possível “Índice Canônico” da poesia lírica de Camões. Para tanto, o pesquisador estabeleceu três pontos básicos para que um soneto fosse considerado camoniano. São eles: 1. “Testemunho

quinhentista” – a presença do soneto em algum documento, impresso ou manuscrito, datado do século XVI; 2. “Testemunho tríplice” – três documentos válidos, ou seja, do século de Camões, contendo o mesmo soneto; 3. “Testemunho incontestado” – a ausência de qualquer atribuição controversa em relação ao soneto que tenha passado pelas duas etapas anteriores. Todavia, Cleonice Berardinelli fará as seguintes objeções à presente proposta:

Assim, com o desejo de contribuir para o debate que o nosso amigo, ex-aluno e colega desejava para prosseguir, apresentamos duas objeções à validade do tríplice testemunho quinhentista, quando um dos três for *PPR* ou *MA*. Este, porque, sendo-lhe filiada *Ri* (*RC*, p. 239), não poderia ser considerado como um texto diferente, mas o seu texto de base; aquele, não só pelas contradições que traz – como bem notou E. Pereira Filho –, mas por só termos dele um Índice feito no século XVII, através do qual apenas conhecemos os *incipit* dos sonetos [...].⁵

Münster, 1969. No mesmo ano em que é publicada a tese de Jorge de Sena, *Os Sonetos de Camões e o Soneto Peninsular Quinhentista*, Elisabeth Naïque-Dessai, defende sua tese de doutoramento, intitulada *Os Sonetos de Luís de Camões – Investigações Relativas ao Problema da Autenticidade* (*Die Sonnette Luís de Camões – Untersuchungen zum Echtheitsproblem*). A autora parte de um conjunto formado por 29 sonetos, considerados por ela como de autenticidade duvidosa, somado a outro composto por mais 29 sonetos, cuja autenticidade, segundo seus critérios, seria provável, pontuando-os em escala de “inautêntico” até “1/4 inautêntico” e de “1/4 autêntico” até “autêntico”. A partir dos resultados obtidos com a análise desta primeira seleção, a autora constitui um outro conjunto, mais amplo, de 124 sonetos considerados autênticos, cujas características serão contrapostas a um conjunto de 29 sonetos acrescentados por Faria e Sousa e considerados, portanto, inautênticos. A autora recorre a Jorge de Sena e verifica, além da pertinência de verbos, adjetivos e substantivos, a frequência dos esquemas rítmicos nos tercetos dos dois conjuntos analisados. Na segunda parte de sua tese, dividida

em dois capítulos, Elisabeth Nâique-Dessai busca a “auto-imitação” do próprio autor, o que é bastante arriscado, sobretudo em uma época da história da literatura em que os autores imitam uns aos outros. Conclui Cleonice Berardinelli:

Desta tese séria e cautelosa, parece-nos que o ponto mais vulnerável é a pouca amplitude do *corpus* dos “sonetos duvidosos” [29], e o número mais de quatro vezes maior de “sonetos autênticos” [124] com que são postos em confronto.⁶

Paris, 31 de março de 1970. Um ano depois de publicada a tese de Jorge de Sena, um francês, estudioso da obra de Camões, baseado em seu largo convívio com *Os Lusíadas*, publica de *La Lyrique de Camões: uma nova tentativa de estabelecer outra metodologia para a almejada conquista do cânone da lírica*. Procedeu Roger Bismut, todavia, de maneira por demais subjetiva, baseado em sua própria sensibilidade, para averiguar o que seria e o que não seria de Camões.

Aparentemente, acreditava o autor que pudesse ter apreendido, em sua totalidade, as rimas, as imagens, os temas, o modo de pensar e o léxico do Poeta a partir de seu convívio, quase diário, por quase uma década, com o texto d’*Os Lusíadas*, que traduzira para o francês. O resultado constituiu-se em “quase” uma tese, dada a subjetividade declarada na execução do método, subjetividade esta que contrasta radicalmente com a objetividade “quase” matemática de Jorge de Sena. Bismut teria desconsiderado, portanto, que a sua apreensão das rimas, imagens, temas etc. é sua, e não de Camões, pertence portanto ao seu imaginário, ou seja, à sua subjetividade. Diz Cleonice Berardinelli sobre a proposta do respeitável camonista francês, neste caso, restringindo seu comentário aos sonetos acrescentados por Faria e Sousa e analisados por Roger Bismut:

Ora, se raramente temos mais de uma versão do soneto que Faria [e Sousa] acrescentou, como julgá-lo autêntico porque “nada no ritmo ou no vocabulário utilizado nos parece estranho a Camões”? (*LC*, p. 332).

Não seria razoável chegar à conclusão oposta, de que o soneto seria tanto mais *autêntico*, quanto menos *camoniano*, isto é, menos camonizado por Faria [e Sousa]?⁷

Rio de Janeiro, 1980. Cleonice Berardinelli publica seus *Sonetos de Camões – corpus dos sonetos camonianos*, como resultado de uma empresa que lhe tomou quatro anos de árduo trabalho em recolher e anotar criticamente todos os sonetos que, pelo menos por uma vez, foram atribuídos a Camões. Com largas notas críticas e indicando em cada poema todas as variantes encontradas em diferentes testemunhos, a autora pôs à disposição do público, com todas as informações disponíveis para que o leitor julgasse o que seria ou não de Camões, um total exato de 400 sonetos, numa cuidadosa e alentada edição, dedicada pela autora, sintomaticamente, “à memória de: Manuel de Faria e Sousa, o grande injustiçado, Jorge de Sena, que lhe fez justiça, Thiers Martins Moreira, que começou esta edição”, e que traz a seguinte epígrafe de Jorge de Sena:

Os critérios de Faria e Sousa, emergindo do caos que eram as edições e os manuscritos existentes, serão por certo os que merecem maior respeito no desastre geral em que tantas boas vontades se aplicaram em salvar o que, de outro modo, em grande parte se teria perdido para sempre.⁸

Lisboa, junho de 1985. É impresso o primeiro volume da *Lírica de Camões – História, Metodologia e Corpus*, sob a responsabilidade do camonista brasileiro Leodegário A. de Azevedo Filho, dedicado “à memória de Emmanuel Pereira Filho, precursor de novos métodos para os estudos da lírica de Camões”, e que deste traz a seguinte epígrafe:

Não é possível continuarmos tratando os poemas líricos de Camões em conjunto, como se para tanto houvesse uma base de que pudéssemos partir. Cada poema seu é um problema à parte, ou que de início, pelo menos, deve ser assim considerado. Publicá-los em conjunto, sim, será lícito fazê-lo um dia, que

poderá ser breve ou remoto – não é nisto que está o mal. Mas estudá-los como partícipes de uma tradição comum, que remontasse a originais em que eles se agrupassem, é que é partir de um pressuposto que nos tem amarrado a equívocos seculares. [PEREIRA FILHO, Emmanuel. *Uma Forma Provençalesca na Lírica de Camões*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1974, p. 132.]

Referindo-se aos estudos de Jorge de Sena, Emmanuel Pereira Filho, Elisabeth Naïque-Dessai e Roger Bismut, diz Vítor Manuel de Aguiar e Silva que seus trabalhos não exploram “com suficiente amplitude e sistemático rigor uma área de estudos que reputamos indispensável para renovar substancial e seguramente a problemática textológica da lírica camoniana”: a “investigação dos cancioneiros manuscritos portugueses – e [...] espanhóis – dos séculos XVI e XVII”⁹ Quanto ao trabalho de Leodegário de A. Filho, dirá o seguinte:

O Professor Leodegário Amarante de Azevedo Filho, que retomou com devotado empenho e sólido saber o plano de investigação de Emmanuel Pereira Filho, introduzindo-lhe alguns ajustamentos e, sobretudo, trabalhando com fontes manuscritas ignoradas por este camonista, substituiu a exigência do triplice testemunho pelo requisito do duplo testemunho.¹⁰

Todavia, o que originalmente era um método transformou-se em uma edição, ou seja, na passagem da exigência do triplice para o duplo testemunho, Leodegário de A. Azevedo Filho chegou ao número exato de 65 sonetos¹¹ – para restringir esta reflexão ao grupo de poemas cuja questão de autoria causa maior dificuldade –, curiosamente, o número aproximado de sonetos atribuídos a Camões – salvo as gralhas manifestas – em sua primeira edição, a de 1595, exatos trezentos e noventa anos antes.

Logo, faz-se imperativo retornar à última década do século XVI, quando veio à luz a primeira edição da obra lírica de Camões, para chegar ao final do século XX. Se, por um lado, Leodegário A. de Azevedo Filho pôde ter acesso a documentos – cancioneiros de um modo geral – que não foram conhecidos por seus antecessores

nos séculos XIX e XX, por terem sido descobertos apenas quando suas edições já se encontravam publicadas, por outro lado, aos mesmos documentos – e ainda outros mais, que hoje podem perfeitamente estar para sempre perdidos – pode ser que tenha tido acesso Fernão Rodrigues Lobo Soropita, e seus sucessores dos séculos XVI e XVII, simplesmente pela proximidade cronológica entre os editores e os cancioneiros.

Desta forma, pode-se concluir que há uma certa simetria quantitativa no que diz respeito aos resultados obtidos pelos critérios (opostos) de Fernão Rodrigues Lobo Soropita e Leodegário de A. Amarante Filho. Tal simetria é evidenciada nos resultados por demais aproximados, ainda que oriundos de propostas radicalmente contrárias: a diferença repousa, portanto, basicamente em que Fernão Rodrigues Lobo Soropita pretendeu reunir o máximo do que pudesse ser considerado camoniano, em 1595, e Leodegário de A. Azevedo Filho partiu em busca do *corpus* mínimo dos poemas que, segundo seu método, seriam inquestionavelmente camonianos, em 1985 – e não se pode ignorar que uma das fontes da edição de 1985 é a própria edição de 1595.

Assim, será preciso inserir a consciência da *Ética*, não a ética dicionarizada, mas a conceitualizada por um dos maiores pensadores da literatura portuguesa dos séculos XX e XXI, Eduardo Lourenço.

[...] na esfera fundadora do propriamente humano, se primazia existe, deve ser conferida à *Ética*. Não como “ciência do Bem e do Mal” de tão terrífico eco, no texto bíblico e no texto da aventura humana, mas como Enigma incondicional e inesgotável, enigma que devemos decifrar para aceder à condição humana, mas decifrar por uma escolha que nos inventa no acto de escolher e em si mesma permanece indecifrável.¹²

Na “aventura humana” de editar Camões, os métodos para determinar o que pode e o que não pode ser camoniano encontram correlato na “ciência do Bem e do Mal”, “de tão terrífico eco” no dizer de Eduardo Lourenço. Pensando desta forma, o “Bem”, como

positivação moral de uma idéia, encontra equivalência no que se busca incluir na lírica de Camões como inquestionavelmente de sua autoria; e, logicamente, em contrapartida, o “Mal”, como negação moral da mesma idéia, encontrará sua equivalência no que se busca excluir da lírica de Camões, por mínima que seja a dúvida de sua autenticidade. Logo: (bem = positivo = camoniano) ≠ (mal = negativo = não camoniano).

A alternativa proposta para este dilema é a inserção nele da consciência da *Ética*, como um “Enigma” a ser decifrado através de uma “escolha”, mas que permanecerá sempre “indecifrável”. Neste passo, a edição de Cleonice Berardinelli encontra lugar, por ser, em 390 anos de ecdótica camoniana (1595-1985), a única edição verdadeiramente *ética*, na medida em que oferece todos os elementos disponíveis para que o leitor “escolha”, através de seus próprios critérios, o que é e o que não é camoniano, permanecendo o absoluto camoniano como “indecifrável”, na relativização do *corpus* dos sonetos de Camões. Segundo Cleonice Berardinelli:

Ficou dito em nosso Prefácio que, tomada a decisão de publicar sonetos atribuídos a Camões, hesitamos diante dos critérios a adotar. A indeterminação do substantivo *sonetos* dá plena conta do impasse. Como determiná-los? Com o indefinido *alguns*? Com o definido *os*? Os editores do século XX optaram pelo primeiro e cometeram pecados mais ou menos graves. Foi sem um critério preestabelecido que começamos a pesquisar o que se tem escrito de mais importante sobre a lírica camoniana e, sobretudo, os sonetos. Compulsamos todas as edições que pudemos encontrar e ainda uma grande quantidade de manuscritos em microfimes, cópias xerox e edições diplomáticas ou críticas, e, à medida que o campo se alargava, mais se firmava a idéia da dificuldade de chegar aos textos e da necessidade de torná-los acessíveis a um maior número de leitores interessados. Começou a esboçar-se o desejo de dar à nossa edição a maior amplitude possível e decidimos, afinal, como o anônimo organizador da edição de 1852, reproduzir “todas as que, nas outras edições, se encontram atribuídas ao Poeta, para que o Leitor as possa por si

mesmo avaliar”, com algumas diferenças, porém: damos ao leitor todas as informações que pudemos reunir: edição de origem, principais edições em que se encontram, manuscritos onde vêm atribuídos ou não ao Poeta e discussão sobre autoria. Optamos, pois, pelo artigo definido e damos *os* sonetos alguma vez atribuídos a Camões. Pelas notas mais ou menos abundantes o leitor julgará da sua autenticidade. As conclusões, porém, não serão definitivas, pois haverá sempre a possibilidade de encontrar-se um manuscrito que torne mais certa uma autoria duvidosa ou ponha em risco uma outra que se julgava inamovível.¹³

Desta forma, através do não-critério e do não-definitivo, Cleonice Berardinelli dá a única edição *ética* dos sonetos atribuídos a Camões e cria leitores críticos e não passivos. Diz-se “sonetos atribuídos a Camões” pois não podia ser diferente, já que Camões não viveu o suficiente para assumir a autoria de seus sonetos. Tivesse vivido o suficiente para editar seus próprios poemas líricos – se é que tinha realmente intenção de fazê-lo –, muita camonologia ter-se-ia perdido em quase 400 anos. Todavia, para além de saber o que é ou não de autoria camoniana, impõe-se uma questão que jamais será resolvida: o que o Poeta, conscientemente, reivindicaria para si, e o que, de realmente seu, descartaria por considerar de baixa qualidade em relação, por exemplo, ao padrão dos versos d’*Os Lusíadas*?

Parece haver uma confusão entre a investigação do que seja camoniano e do que Camões editaria de seu. A edição de 1880 denuncia esta questão: ao intitulá-la *Parnaso* – nome do livro que, segundo Diogo do Couto, Camões lapidava durante seu regresso a Portugal –, Teófilo Braga evidencia que pretendia encontrar a hipotética edição preparada pelo próprio Poeta. Mas, muito antes de 1880, ainda no século XVI, ao prefaciá-la primeira edição da lírica camoniana, Fernão Rodrigues Lobo Soropita já demonstrara a consciência da impossibilidade de levar a cabo a pretensão de Teófilo Braga:

[...] com ser excelente em toda a sorte de *Rhythmas* [...], o mesmo lugar tem na maior parte dos Sonetos, se alguns que aqui vão impressos por seus não foram feitos sem cuidado, à importunação de amigos, onde acontece muitas vezes acudir mais à pressa com que os pedem, que à obrigação de os limar, e depois sem vontade do autor se publicam por seus[...].¹⁴

Siglas

AC – *Rimas*, terceira parte, ed. Alares da Cunha (Lisboa, 1668)

DF2 – *Rimas – segunda parte*, ed. Domingos Fernandez (Lisboa, 1616), em que se reeditam a mais antiga biografia de Camões, de Pedro de Mariz (*Os Lusíadas*, 1613), e o “Prólogo aos Leitores” (*Rhythmas*, 1595), de Fernão Rodrigues Lobo Soropita, este último, até então, anônimo.

LC – *Lírica de Camões*, ed. Leodegário A. de Azevedo Filho, que desenvolve, com alterações, o projeto proposto por Emmanuel Pereira Filho. Iniciou-se a publicar em Lisboa, 1985.

MA – *Manuscrito apenso* ao exemplar Cam-10-P da primeira edição das *Rhythmas* de Luís de Camões (1595). Conhecido, pelo menos, desde o século XIX, apenas Emmanuel Pereira Filho, na década de 1960, percebeu que se tratava de um estudo preliminar para a organização da segunda edição das *Rimas* de Luís de Camões (1598), e não um cancionero camoniano, como até então se acreditava.

PPR – *Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*, de que se conhece apenas um “Índice de primeiros versos”.

RC – *Rimas de Camões*, obra póstuma de Emmanuel Pereira Filho em que se reproduz em fac-símile o *Manuscrito apenso* e estudos deste notável camonista.

Rb – *Rhythmas*, 1ª edição da obra lírica de Luís de Camões, ed. Fernão Rodrigues Lobo Soropita (Lisboa, 1595).

Ri – *Rimas*, 2ª edição da obra lírica de Luís de Camões, ed. Estêvão Lopes (Lisboa, 1598).

Referências bibliográficas

- AGUIAR e SILVA, Vítor Manuel de. *Camões: labirintos e fascínios*. Lisboa: Cotovia 1994.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Lírica de Camões – 1. história, metodologia, corpus*. Lisboa: INCM, 1985.
- BERARDINELLI, Cleonice. “Prefácio” In: CAMÕES, Luís de. *Sonetos de Camões – corpus dos sonetos camonianos*. Edição e notas por Cleonice Serôa da Motta Berardinelli. Paris/Lisboa: Centre Culturel Portugais / Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980.
- _____. *Estudos camonianos*. 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Cátedra Padre António Vieira / Instituto Camões, 2000.
- CAMÕES, Luís de. *Manuscrito apenso ao exemplar Cam-10-P da Biblioteca Nacional de Lisboa*. (fac-símile) In: PEREIRA FILHO, Emmanuel. *As rimas de Camões*. Rio de Janeiro: José Aguilar / Brasília: INL, 1974.
- _____. *Rhythmas: divididas em cinco partes*. Lisboa: Manoel de Lyra à custa de Estevão Lopes, 1595.
- _____. *Rimas – segunda parte*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, à custa de Domingos Fernandez, 1616.
- _____. *Rimas*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, à custa de Estevão Lopes, 1598.
- CANTO, José do. *Coleção camoniana – tentativa de um catálogo metódico e remissivo*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1895.
- LOURENÇO, Eduardo. *O canto do signo*. Lisboa: Presença, 1994.
- PEREIRA FILHO, Emmanuel. *As rimas de Camões (Cancioneiro de ISM & Comentários)*. Fac-símile, Lição dos manuscritos e Comentários por Emmanuel Pereira Filho. Edição preparada e organizada por Edwaldo Cafezeiro e Ronaldo Menegaz. Rio de Janeiro: José Aguilar / Brasília: INL, 1974.
- SENA, Jorge de. *Os sonetos de Camões e o soneto quinhentista peninsular*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- _____. *Trinta anos de Camões 1948-1978 (estudos camonianos e correlatos)*. (2 volumes). Lisboa: Edições 70, 1980.
- SOROPITA, Fernão Rodrigues Lobo. “Prólogo aos Leitores”, In: CAMÕES, Luís de. *Rhythmas: divididas em cinco partes*. Lisboa: Manoel de Lyra à custa de Estevão Lopes, 1595.

Notas

- ¹ Cf. “Siglas”, ao fim do presente estudo.
² BERARDINELLI, Cleonice. “Prefácio”, p. 27.
³ Idem, *ibidem*, p. 27.
⁴ Cf. PEREIRA FILHO, Emmanuel. *As rimas de Camões*, p. 301 e segs.
⁵ BERARDINELLI, Cleonice. Op. cit., p. 31.
⁶ Idem, *ibidem*, p. 33.
⁷ Idem, *ibidem*, p. 30.
⁸ Idem, *ibidem*, p. IX.
⁹ AGUIAR e SILVA, Vítor Manuel de. *Camões: labirintos e fascínios*, p. 73.
¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 49.
¹¹ Cf. AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Lírica de Camões*, corpus, p. 305: “Em suma, aqui estão examinados, apenas do ponto de vista da crítica autoral, os 400 (quatrocentos) sonetos atribuídos ao Poeta, com ou sem razão, pela tradição impressa, até hoje. E a conclusão a que chegamos, à luz do método aqui adoptado, é a seguinte: dos 400 sonetos, há somente 65 que podem integrar, de modo incontroverso, o *corpus* irredutível da lírica de Camões.”
¹² LOURENÇO, Eduardo. *O canto do signo*, p. 186.
¹³ BERARDINELLI, Cleonice. Op. cit., p. 13.
¹⁴ SOROPITA, Fernão Rodrigues Lobo. “Prólogo aos Leitores”, fólho XVII.

Resumo

O presente estudo expõe e discute os diversos métodos e critérios novecentistas utilizados para investigar as probabilidades de autenticidade autoral dos poemas, sobretudo sonetos, atribuídos desde o século XVI a Luís de Camões e/ou para editar a obra lírica do Poeta. Num segundo momento, através do conceito de *Ética* concebido por Eduardo Lourenço, analisa-se, em particular, a edição de Cleonice Berardinelli: *Os sonetos de Camões – corpus dos sonetos camonianos* (1980).

Palavras-chave: edições da lírica de Luís de Camões; investigação de autoria camoniana

Abstract

The present paper exposes and discusses several nineteenth Century methods and criteria used to investigate the probabilities of authorship authenticity of poems, mainly sonnets, assigned since the sixteenth Century to Camões and/or to edit the Poets' lyric works. In a second moment, using the concept of *Ethics* conceived by Eduardo Lourenço, it is analyzed, in particular, Cleonice Beardinelli's edition: *Os sonetos de Camões – corpus dos sonetos camonianos* (1980).

Key-words: Luís de Camões' lyric works edition; camonian authorship investigation